

FACONNECT E A CASA TOMBADA

Pós-graduação: **O livro para a infância**

Processos contemporâneos de criação,
circulação e mediação

O editor mediador

Elisângela da Silva

Cotia – SP

2025

Elisângela da Silva

O editor mediador

Orientadora: Prof. Me. Camila Feltre

Para Sara, por me fazer descobrir mãe e mediadora de leitura. Com você, o mundo dos livros ficou ainda mais encantador.

Agradeço a minha irmã, por ter lido para mim quando eu era criança e aos meus pais, por sempre valorizarem a educação. Agradeço aos autores e ilustradores que a cada texto me dão oportunidade de novas descobertas como editora. Agradeço à Camila Feltre, pela acolhida, escuta e pelas leituras.

Sumário

Sobre mim neste percurso e sobre os livros para as infâncias	7
Sobre o construir do livro.....	8
Mediação.....	14
As mediações do editor.....	17
Primeiras leituras	17
Elos intermediários.....	18
Processo criativo	20
Edição do texto.....	21
Projeto gráfico.....	22
Preparando o texto	23
As ilustrações	23
Sentindo como vai ser o livro	26
Revisão de provas do livro	28
As mediações de leitura do editor	28
Conclusão	29
Referências bibliográficas:	32

Resumo

A escrita deste trabalho de conclusão de curso visa falar sobre o papel do editor de livro para a infância como mediador, isto é, aquele que está entre quem escreveu o texto, entre quem criou a narrativa ilustrada, entre quem criou o projeto gráfico, entre a empresa editora que fará a publicação e a obra. Escrevo aqui sobre livro para as infâncias, impresso e pronto para ser distribuído nos mais diversos canais pelos quais o livro pode ou tem alcance de circular. Para alcançar o objetivo deste trabalho, será preciso entender a edição de livro para infâncias em sua completude, diante da minha experiência profissional em uma editora específica e, também, sobre o que entendo por mediação do editor.

Palavras-chave: edição, editor, livro, infância, mediação, leitura, etapas editoriais.

Sobre mim neste percurso e sobre os livros para as infâncias

Já faz um ano que decidi saber mais sobre o livro para as infâncias e escolhi um coletivo afetivo para isso, escolhi fazer um percurso que falasse um pouco do **criar**, do **mediar**, do **circular**. Quando vi essas palavras no nome desse percurso, pensei “é isso sim!”, senti que essas eram as palavras que queria percorrer e com isso saber mais.

A vontade de aprofundar nessas questões veio de um sentimento “eu acho que não sei cuidar de um livro para crianças”, mas também veio de um pensamento “eu quero saber cuidar, eu preciso saber mais pelos leitores, pelos autores, eu preciso fazer algum movimento por mim”.

Então, cheguei aqui nesse percurso e percebi que muitos livros para as infâncias parecem estar dentro da gente, outros parecem vir de fora para dentro, e há ainda alguns livros que permanecem apenas fora, não movimentam muitas coisas dentro da gente.

Os que parecem estar dentro da gente são os que mexem com algo, fazem sentido ou trazem algum novo sentido, é como se o livro estampasse, expusesse alguma coisa, seja com palavra, com texto, com ilustrações ou a composição como um todo. Os que vem de fora e entram na gente dialogam com algo que a gente não tinha consciência ou noção, mas pode construir uma imagem, uma ponte, uma vivência, sentimentos, uma provocação, nos fazer mais humanos ou melhores observadores dos seres humanos (isso tudo isoladamente ou tudo misturado). E sobre os que permanecem fora e não fazem nenhuma transgressão, ainda assim podem atizar algo, talvez por carregarem em sua essência o substantivo livro.

Minha trajetória com histórias vem muito ao encontro com um termo que ouvi e ouço aqui nesse grande percurso oralitura¹. Foi da boca da minha mãe e do meu pai que escutei as primeiras histórias: as narrativas das infâncias deles, das memórias que tinham do sertão, de como era a infância por lá e a família deles. Mais tarde, ouvi a primeira história contada pela minha irmã, antes de eu dormir (*Zezinho, o dono da porquinha preta*, escrito por Jair Vitória). Ficava esperando aquele momento, era um livro triste, eu chorava ao ouvir a leitura, não sabia ler ainda.

¹ Conceito proposto por Leda Maria Martins (professora, dramaturga e pesquisadora, uma das principais pensadoras do teatro brasileiro, sobretudo o teatro negro brasileiro) em contraposição à escrita como meio único e oficial do registro de conhecimentos/saberes. A oralitura, segundo a pesquisadora, indica um traço cultural que inscreve saberes, valores, conceitos de mundo, visões de mundo e estilos.

Vejo que depois dessa mediação feita pela minha irmã, eu passei a ver o livro como uma espécie de portal. A leitura da minha irmã mexia com meus sentimentos, a história do livro provocava algo dentro de mim. Como se a história só acontecesse em mim, porque foi lida por alguém. Daí vem minha veneração pela **mediação**, pelo contar história, por emprestar o olhar e a voz à narrativa de alguém. Hoje, penso na potência que isso tem, desde a escolha de um livro até chegar aos ouvidos de alguém.

Eu sinto que meu horizonte foi modificado nesse percurso que estou vivendo há aproximadamente dois anos. Palavras ouvidas e lidas, conversas, falas, livros mediados fizeram movimentos importantes em mim, sinto um aumento de consciência e cuidado quando falamos de escolha de livro a ser publicado, da criação de livro, de diversidade, de etnias, de lugar de fala, cuidados na publicação em si, sinto mais também a responsabilidade que existe por quem está atrás de uma publicação. Não posso deixar de dizer que o percurso também expõe o quanto não sei e o quanto preciso saber mais e mais. Pois assim é o estudo, não encerra, mas sempre abre caminhos.

Sendo assim, pensando na palavra mediação, pensando em mim como editora de livros para a infância, quis descortinar sobre o editor mediador – afinal, o que o editor media?

Por meio dessa pergunta e também considerando meus anos de experiência com livro, desde 2006 (iniciei como assistente editorial e depois de alguns anos passei a atuar como editora), sempre na mesma empresa, que decidi falar sobre como associei o processo de editar com o de mediar.

Sobre o construir do livro

Certa vez, em uma mesa de conversa sobre livro, ouvi uma frase que ficou em mim: “o livro é o objeto mais humano que existe: feito de um humano, para outro humano, nele tem presença, tem voz humana, tem troca, tem escrita” (frase de Larissa Kouzmin, editora da Pingo de Luz, durante uma mesa de conversa sobre livro na PUC-RJ, Prêmio Cátedra UNESCO). A frase fez muito sentido, o livro é feito por uma pessoa ou por muitas pessoas para que chegue às mãos de outra(s) pessoa(s), e por mais que ele exista sem chegar nas mãos de outrem, ele só passa a existir de humano para outro humano se ele for acessado de alguma forma, seja folheando as páginas, seja lendo o que há na capa, seja sendo lido por partes ou inteiro. Algum humano deixou algo naquele objeto para ser visto, lido, tocado, acessado por outra pessoa e isso faz do livro algo muito único, muito humano. Não apenas isso, mas o que ali está comunicando de alguma forma, está criando uma ponte com o outro, uma relação, uma conversa.

María Teresa Andruetto é certa em suas palavras ao discorrer sobre a criação de um escritor:

A criação nasce, pois do particular, qualquer que seja a particularidade que, como ser humano, caiba a quem escreve, e é o foco no pequeno que permite, por meio do metafórico, inferir o vasto mundo, olhando muito do pouco, como quer o preceito clássico. Assim, buscando uma forma inteligível e altamente condensada para as imagens que persegue, um escritor põe a nu, desnudando-se a si mesmo, aspectos insuspeitados da condição humana. (Andruetto, 2012, p. 56)

Embora essa seja uma visão a respeito da escrita, do construir de um escritor, ao se falar sobre livro para infância, muitas vezes, é preciso considerar que outras narrativas poderão fazer parte da obra, narrativa ilustrada criada por um artista que também deixará registrado na obra aspectos sobre si mesmo para o outro, a obra também poderá passar por um designer, que trará também sua visão, sua leitura e também particularidades para a construção da obra, assim como os revisores de texto, o olhar humano para o texto é essencial e necessário, por toda a natureza da língua e suas complexidades.

Um outro aspecto que considero relevante quando o assunto é livro para a infância e sua construção, é considerar que o livro pode ter materialidades diversificadas: uma faca especial, recortes no decorrer das páginas, texturas impressas, mecanismos no decorrer das páginas, pop-ups, tecidos. Esses recursos, também são pensados por profissionais que se envolvem na narrativa e deixam na obra também o seu jeito de narrar, seu jeito de construir o livro. Um engenheiro de papel, por exemplo, ao criar as dobraduras de um pop-up, um designer que possui habilidades manuais de pensar em mecanismos (portinhas que se abrem, rodinhas que revelam coisas escondidas, entre outras), sempre em conjunto com o autor, ilustrador, para a construção da obra, da narrativa.

Em minha vivência editorial (como editora de livros há dezessete anos, apenas em uma editora, Ciranda Cultural) pude trabalhar com muitos livros e suas diversas materialidades, livros que não participei da construção em si, mas sim da escolha de publicação, da tradução, da adaptação para a nossa língua portuguesa, para a realidade dos lugares que circulávamos com nossas obras, como feiras de livro em escolas, shopping centers (em diversos Estados do Brasil) e também feiras internacionais de livros, como Bologna Book Fair (na Itália) e Frankfurt Book Fair (na Alemanha). Livros para bebês: de tecido, de materiais impermeáveis, com páginas que possuem dobras e tamanhos diferentes, livros com recursos e mecanismos diversos.



Figura 1 - Capa No fundo do mar



Figura 2 - Miolo No fundo do mar

Livro em tecido e com forma de baleia *No fundo do mar*. Texto de Susie Brooks, ilustrado por Saly Paine, publicado em 2017 pela Ciranda Cultural.

Livros para os mais crescidos: com sons, com abas, com pop-ups, recortes especiais.

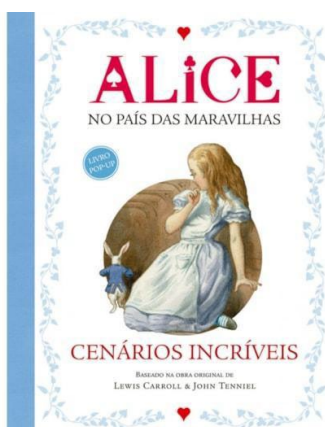


Figura 3 - Capa Alice no país das maravilhas - cenários incríveis

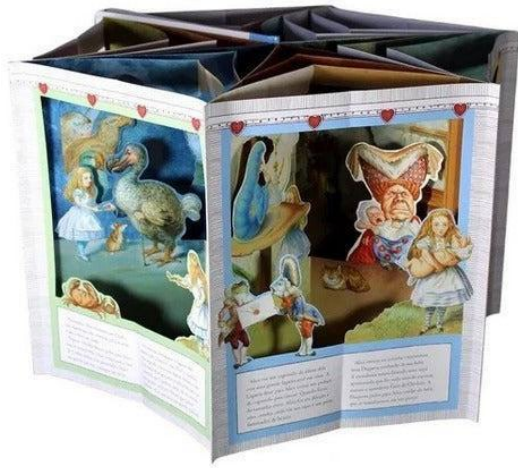


Figura 4 - Miolo Alice no país das maravilhas - cenários incríveis

Livro em pop-up, ilustrações originais da primeira publicação de *Alice no país das maravilhas*. Texto original de Lewis Carrol, ilustrações de John Tenniel, publicado pela Ciranda Cultural em 2017.



Figura 5 - Capa É o monstro?

Livro: *É o monstro?*, com bolsos para a criança colocar a mão. Livro elaborado pela equipe Cat's Pyjamas (texto e ilustrações), publicado pela Ciranda Cultural em 2013.

editorial, bem como questões políticas sejam os grandes propulsores da publicação. Além do desejo de se ter o livro acolhido pela casa editorial e mostrar o potencial gráfico e literário da obra.

Em uma matéria escrita para a Revista Emília, publicação sem fins lucrativos que atua na produção de conteúdos de qualidade e gratuitos, na formação de leitores e na promoção do livro e da leitura, Dolores Prades, fundadora e *publisher* da revista procurou elencar coisas indispensáveis para um editor de literatura para crianças e jovens. Ela divide o texto em conhecimentos mais gerais e conhecimentos mais específicos.

Em primeiro lugar, alguns aspectos mais gerais:

1. Ter familiaridade com a história da Literatura infantojuvenil (LIJ), com o seu processo de constituição enquanto gênero literário, com as polêmicas do debate em torno de sua afirmação e das teorias a sua volta, pois nisso reside a tomada de consciência do espaço de onde pisamos e do qual estamos falando.
2. Acompanhar e refletir sobre as tendências e as características das diferentes etapas do desenvolvimento da LIJ, nacionais e internacionais, pois isso ajuda a formar a base do repertório necessário para poder estabelecer critérios de avaliação e seleção, assumir preferência e afinar gostos.
3. Pensar historicamente na criança e no jovem, no sentido de identificar e se possível antever tendências, questões, mudanças sociais de modo a publicar livros em consonância com as inquietudes contemporâneas, de acordo com nosso tempo, mas pensando no futuro.

Em segundo lugar, algumas questões mais específicas:

1. Conhecer profundamente e identificar as etapas, os tempos, as atribuições de cada fase do processo de edição é condição para exercer o papel de gestor e coordenador que cabe ao editor, responsável primeiro por todo o processo.
2. Dirigir e coordenar a edição de texto e de arte, o texto e a ilustração, de maneira que ambas as linguagens se complementem e se potencializem. A decisão dos pesos de cada linguagem e a escolha da técnica, do traço são decisivas para o resultado final.
3. Acompanhar as tendências internacionais e nacionais das publicações e acompanhar a crítica, no Brasil, infelizmente, praticamente inexistente. Ficar atento para as mudanças, do livro-álbum como suporte de inovação aos livros digitais.
4. Conhecer o mercado, identificar a concorrência para melhor se posicionar, identificar os seus leitores e demarcar a cara de seu catálogo de modo a fidelizar seu público e criar as bases para sua credibilidade no mercado. (PRADES, 2024)

Como cada casa editorial funciona de um jeito, muitas vezes, cada editor também. Os itens elencados na matéria são sim indispensáveis em minha opinião e experiência editorial. Destaco ainda que os conhecimentos específicos elencados por Prades,

ocupam bastante lugar no dia a dia, exigindo uma visão mais estratégica do negócio da editora, do que um trabalho profundo no texto, na obra em si – trabalhos que podem ser feitos por outros profissionais e supervisionados mais tarde pelo editor.

Mediação

Ao se falar em mediação, quando falamos de livro, logo se imagina uma pessoa lendo um livro para outras pessoas. Geralmente, feita em voz alta, com entonação interessante e observando como as pessoas estão reagindo à leitura ou àquele momento. Mas o que exatamente essa palavra revela?

O que seria mediar? O que seria fazer mediação? Estar entre uma coisa e outra, relacionar-se com uma coisa e outra, conectar uma coisa em outra?

Felipe Munita, pesquisador e professor chileno, apresenta um trabalho amplo e profundo sobre formação de leitores e mediação de leitura em diferentes contextos, aprofundando-se principalmente no escolar. Em sua obra *Eu, mediador – mediação e formação de leitores* o pesquisador explica o termo mediação: origem latina *mediare*, *medius*: que está no meio, entre uma coisa e outra (Munita, 2024). Ele ainda revela que a palavra, em seus primeiros usos está relacionada à Baixa Idade Média (séculos XIII e XIV) e que o mediador atuava entre partes em desacordo, isto é, quando existia uma separação ou conflito, o mediador tinha um papel importante para ajudar a encontrar uma saída.

Ao se aprofundar ainda mais sobre o termo, seu uso e sua etimologia, o autor revela que o uso do termo está associado a criar vínculos entre dois objetos, fatos ou pessoas, e o mais interessante: **construir sentido** (grifo meu). Como imagem para representar o termo em uso, ele traz uma ponte, por representar bem o propósito de aproximação de qualquer atividade mediadora:

Conflito, tríade, mudança, construção de sentido, papel relacional, ponte são, portanto, algumas das diretrizes para entender o campo semântico da mediação. (MUNITA, 2024)

As definições que Munita apresenta contribuem de forma significativa para a associação que procuro estabelecer entre o que um editor faz e como um mediador atua. Ambos estão entre uma coisa e outra, mas em situações diferentes, embora as duas pressuponham que a leitura esteja em algum momento presente para que a mediação de fato se concretize. Enquanto o editor está envolvido com a editora e, consequentemente, com o perfil editorial da empresa, com a obra, com o autor e ou ilustrador, o mediador está entre a obra que ficou pronta e os leitores.

Ao olhar de forma mais profunda ao termo, vejo o quanto a atividade de um editor está realmente associada a ele, principalmente, quando Munita apresenta uma ponte para ilustrar com imagem como seria esse ato de mediar, de conectar uma coisa à outra, de construir sentido entre partes. O autor define o mediador dessa forma:

O mediador de leitura é um ator que, munido de habilidades e conhecimentos de diversos campos ligados à cultura e ao trabalho social, intervém intencionalmente com o propósito de criar situações favoráveis para a apropriação cultural e a participação no mundo da escrita por partes dos sujeitos que não tiveram – ou tiveram apenas parcialmente – a possibilidade de desfrutar dessas condições. Isso é feito principalmente por meio de encontros intersubjetivos nos quais ele compartilha seu próprio mundo interior (afetos, emoções, experiências de leitura) para criar o espaço de acolhimento e hospitalidade que toda mediação requer. Esse espaço, no melhor dos casos, permite que os indivíduos superem certas barreiras (biográficas e socioculturais) que os impediam de se sentirem convidados a participar de novas experiências com a escrita, experiências cujo objetivo final é favorecer processos de mudança e construção de significado naqueles que participam da atividade mediadora. (MUNITA, 2024)

A construção de sentido durante o desenrolar do livro, ocorre durante todo o processo editorial. É nele que se cria diálogos e conexões com todos os aspectos do livro (linguagem textual, linguagem visual, elementos gráficos como tipografia e escolha de cores, por exemplo) e também com as pessoas envolvidas no processo de edição, de forma que as diferentes vozes que ali atuam, possam formar um todo. Por mais que a voz do autor seja a que mais possa prevalecer, isto é, a voz que de alguma forma deu início ao todo, outros profissionais também contribuem para a construção dessa grande ponte.

Ao consultar o termo no dicionário Houaiss da língua portuguesa, o termo vem do latim *mediatĭo,ōnis* no sentido de 'intercessão, interposição, intervenção, mediação'. No dicionário há diferentes acepções para a palavra:

Substantivo feminino
ato ou efeito de mediar

1 ato de servir de intermediário entre pessoas, grupos, partidos, facções, países etc., a fim de dirimir divergências ou disputas; arbitragem, conciliação, intervenção, intermédio <m. entre gregos e troianos¹⁴

1.1 DIPL procedimento organizado de conciliação internacional (coube a Kissinger a m. entre gregos e turcos cipriotas>

1.2 com ato de agir como intermediário entre comprador e vendedor; corretagem

2 processo pelo qual o pensamento generaliza os dados apreendidos pelos sentidos

3 FIL processo criativo mediante o qual se passa de um termo inicial a um termo final

4 p.met.; fil aquilo que, como intermediário entre dois termos, responde pela produção de um deles

5 PSIC sequência de elos intermediários (estímulos e respostas) num a cadeia de ações, entre o estímulo inicial e a resposta verbal do final do circuito cf. estímulo, resposta

6 ASTRN momento de culminação de um astro

7 ETN, rel intercessão junto a um santo, a uma divindade etc. para obter proteção

8 JUR procedimento que objetiva promover a aproximação de partes interessadas na realização de um contrato, um negócio

9 JUR procedimento que visa à composição de um litígio, de forma não autoritária, pela interposição de um intermediário entre as partes em conflito

10 MÚS divisão de cada versículo de um salmo em duas partes, a primeira salmodiada por um coro e a segunda por outro

(HOUAISS, 2025)

Muitos são os sentidos que a palavra ‘mediação’ tem, nos mais diversos territórios onde é usada. Alguns destaco aqui, pois revelam a forma como vejo também e sinto essa palavra quando o assunto é livro, quando penso no meu papel como editora e nas relações que estabeleço durante a construção de uma obra:

- ato de servir;
- processo pelo qual o pensamento generaliza os dados apreendidos pelos sentidos;
- sequência de elos intermediários;
- promover a aproximação de partes.

O mediador de histórias ou até mesmo o contador de histórias (refiro-me aos contadores mais performáticos) estão muito ligados ao *ato de servir*. Servir ao texto, à obra em si, ao autor e ilustrador, aos leitores, à arte. Já o segundo item, *processo pelo qual o pensamento generaliza os dados apreendidos pelos sentidos* revela muito à forma de pensar o que se está mediando ou contando, aos sentidos que o que está sendo mediado tem e se transforma ao ser compartilhado. *Sequência de elos intermediários*

vejo como o desencadeamento de uma história, o quanto esse desencadear cria elos com quem escuta, com quem conta, com o texto em si. Certamente, a mediação de leitura promove a aproximação de partes, ouvir histórias promove aproximação com nossos ancestrais, com nossas raízes humanas.

Ao refletir e relacionar esses significados com a mediação de leitura, vejo um diálogo muito profundo com as mediações que faço como editora durante a feitura de um livro.

As mediações do editor

Primeiras leituras

Ao receber um texto original, o manuscrito do autor, é feita uma leitura do texto. Considero importante ressaltar que caso o autor já tenha sido publicado antes, existe sim uma 'leitura' de forma geral sobre a publicação anterior, sobre como o autor trabalha o conjunto de sua obra, sobre como sua obra está posicionada. Poderia dizer então que essas são as primeiras leituras.

Depois da primeira leitura, o editor lança o olhar para diferentes aspectos relacionados ao texto: o tema, a abordagem, a criatividade, a originalidade, a relevância, o jeito de contar algo para o público a que se destina, se existe demanda pelo tema, se existe desejo de publicar o texto. Ao se tratar de livro para as infâncias, surgem questionamentos sobre o texto a respeito de qual infância estamos falando ou se o texto abrange todas as infâncias.

A partir desse momento, podem surgir questionamentos, sugestões de mudança ou não no texto e até mesmo a decisão de não publicar. Como a intenção é falar sobre a mediação do editor, poderia dizer que os questionamentos ao autor e as sugestões de mudança são as primeiras formas de intervenção no texto e também uma forma sutil de mediar o que ali foi escrito com o que o editor irá publicar.

Em uma conversa com o autor — seja antes ou mesmo depois do texto original —, já se estabelece a mediação do editor, que promove uma aproximação entre as partes: com o escritor, com o texto, com a ideia do livro, com o modo como ele é imaginado ou desejado.

Em uma entrevista, Daniela Padilha, editora, falou sobre seu papel dentro da Jujuba, editora de livros para as infâncias. Ela explana como acontece o recebimento do original, dessa ideia inicial entre o editor e autor: o editor recebe o texto original, a ilustração ou só uma ideia, e discutem (editor e autor) se aquele projeto tem o perfil da editora, se

ele funciona dentro do catálogo, se tem a ver com o que a editora publica, com o que a editora acredita, muitas vezes, a história pode não se encaixar no catálogo, mas em outra editora.

Cada casa editorial trabalha do seu jeito, tem as suas políticas em relação às publicações, ao recebimento de originais. Até mesmo o papel do editor pode ser muito diferente, depende da editora, do perfil editorial. O papel do editor é bastante flutuante e moldável, se adapta, muitas vezes, ao ambiente de trabalho, às necessidades da empresa, ao jeito de ser da editora. Embora assim seja no dia a dia, sinto que existe algo em comum, o envolver-se com a obra. Por mais que o editor necessite olhar para diferentes direções, o envolvimento com cada obra é único, exige um olhar diferente.

Sendo assim, é a partir desse olhar diferente, que pautarei minha escrita, pensando sempre no editor mediador da obra literária, especificamente, no livro para as infâncias, que é a área onde atuo.

Elos intermediários

Ao dizer sim para a publicação de um livro, dá-se a oportunidade da criação de muitos elos intermediários. Usei aqui uma das acepções que encontrei no termo mediação na consulta ao dicionário – curiosamente, uma acepção que consta no território de psicologia.

Depois de acordos feitos, contrato assinado, chega a hora de mediar a construção do livro. Falar sobre ele com outras áreas da editora, falar sobre ele com o comercial, falar sobre ele com um artista que vai pensar em que jeito ele vai ter, em como o texto vai ficar dentro do objeto livro (ou até mesmo a ausência dele), em como algum elemento do texto vai prevalecer de uma forma e não de outra, enfim, o editor começa então a mediar o livro com os profissionais que construirão a obra, a pensar que jeito o livro vai ter com um profissional de arte (ilustrador e ou designer), sempre em conjunto com o autor.

É importante considerar que existe uma diversidade na forma como os manuscritos ou ideias são apresentadas para uma editora, afinal, existe uma infinidade de autores e seus jeitos de contar uma história. Existem autores que além de criarem a narrativa escrita, criam também a narrativa visual dos livros, além de pensar no formato, na materialidade que o livro terá e o quanto o conjunto dessa composição já chega um tanto acabada nas mãos do editor. Nesses casos, o editor praticamente media o nascer impresso da obra, pois costumam ser originais muito prontos.

Mac Barnett, escritor norte-americano de livros voltados para crianças, em seu livro *A passagem secreta – porque os livros infantis são uma coisa muito séria* traz um fato que é muito peculiar em relação aos livros para crianças:

Os livros infantis são escritos por adultos. Os adultos escrevem resenhas de livros para a infância, e essas resenhas são lidas por adultos. Os adultos decidem quais livros infantis vão para as prateleiras de livrarias e bibliotecas[...] Um livro para crianças passa pelas mãos de muitos adultos até chegar até elas[...] (Mac Barnett, 2024, p. 14)

Um livro para crianças nasce nas mãos de muitos adultos — desde a avaliação do original, quando se decide se a obra é pertinente para publicação, até as diversas etapas que percorre ao longo do processo de desenvolvimento. A citação de Mac Barnett convida à reflexão sobre o quanto esses adultos, envolvidos na criação de um livro infantil, realmente sabem sobre a infância e sobre o que é necessário para que o livro se comunique, de fato, com esse público. A citação a seguir, retirada do livro de Ninfa Parreiras, também aborda as histórias voltadas para crianças. Nela, a autora recorre às palavras de Antônio Cândido para refletir sobre esse tema:

A literatura para crianças possui especificidade e características próprias. É uma literatura que cativa à também ao adulto. Recorro ao teórico da literatura Antonio Candido, no artigo "Sílvia Pélica na Liberdade de por Zilberman e Lajolo:

"Talvez o mais difícil de todos os gêneros literários seja a história para crianças. Gênero ambíguo, em que o escritor é forçado a ter duas idades e a pensar em dois planos: que precisa ser bem escrito e simples, mas ao mesmo tempo bastante poético para satisfazer um público mergulhado nas visões intuitivas e simplificadoras. Há dois tipos de livros de criança: o que procura instruir e o que não procura instruir." (PARREIRAS, 2008)

A aprovação de um original exige um olhar técnico, plural, uma leitura feita de diferentes ângulos, que muitas vezes é delimitada por um perfil editorial, por determinadas políticas e demandas (principalmente as escolares, ao se falar sobre livros literários voltados para crianças), pelo que se acredita que pode trazer diálogos entre as infâncias, seja de quem escreveu, de quem aprovou a publicação e de quem vai mediar ou ler o livro. Esse olhar plural precisa enxergar as infâncias e suas características, realidades, diversidade, alcance, entre outros.

Em um outro trecho, Mac Barnett comenta sobre a qualidade dos livros para as crianças, ele diz:

Há tantos livros ruins destinados às crianças, e eles podem ser ruins de tantas maneiras diferentes: há os açucarados; os moralizantes; os que não fazem sentido; livros que deveriam

rimar, mas não conseguem; livros escritos de forma amadora ou ilustrados de forma amadora, ou ambos, livros insossos; livros chatos. (Mac Barnett, 2024, p. 27).

O autor fala dos livros já publicados, o mesmo acontece com muitos originais que chegam para serem avaliados, textos sem muito cuidado, escritos de forma, muitas vezes rasa, sempre me pergunto se isso acontece por não considerarem o livro voltado para a infância como coisa séria. Há também, os textos que são feitos com cuidado, bem pensados que mexem com a gente e impulsionam muito a vontade de publicar e de ver o livro pronto rapidamente.

Processo criativo

Para falar do processo criativo do editor como mediador, escolherei o que consta no dicionário “mediante o qual se passa de um termo inicial a um termo final”. É dentro do processo criativo que o editor insere um pouco de si, da sua vivência como leitor, da sua experiência como editor, da sua visão do catálogo da editora, ou seja, do perfil editorial e também do público a que se destina a obra.

Nesse momento, muitas escolhas são feitas, diria que a mediação acontece exatamente nesse aspecto. Escolher um formato em prol de outro, escolher um determinado papel, definir o número de páginas – uma mediação feita com o autor da obra, com o ilustrador, com quem é o responsável pela produção impressa do livro – uma mediação feita sobre os aspectos da obra e todos os que participam dela. O editor é o guardião daquele livro que vai nascer, e como guardião ele cuida de cada parte, de cada escolha, de cada decisão.

Para ilustrar essas escolhas, usarei como exemplo um livro pensado com mecanismos diversos em material cartonado. A autora enviou o texto e as ideias iniciais para um mecanismo diferente em cada parte do texto. No entanto, para aplicar, por exemplo, um mecanismo como recorte na página, é preciso considerar que o verso também será recortado (portanto um buraco na página) e com isso, menos área para texto/narrativa, além de já revelar o que vem na próxima página. Sendo assim, é preciso pensar em cada escolha, pensar na área que se terá para o texto, se será suficiente ou não.

O rascunho abaixo ilustra um pouco sobre como prefiro enxergar antes de distribuir o texto no word por duplas, como geralmente é feito em papel cartonado, usado muitas vezes em livros para crianças pequenas por serem resistentes e proporcionarem o trabalho com materialidades diferentes (recortes, abas, rodinhas de papel que revelam algo).

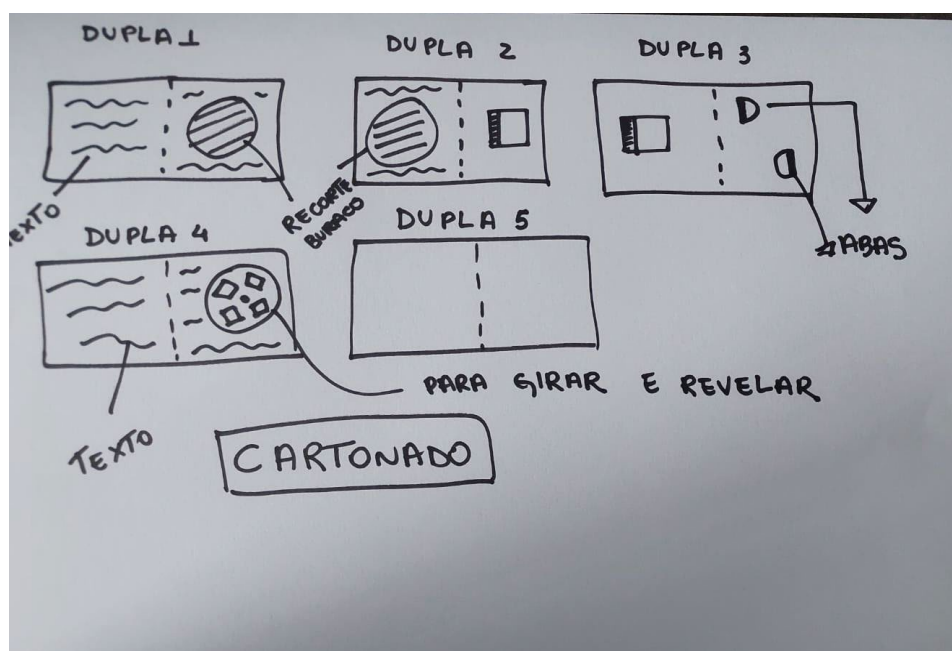


Figura 7 - Esboço - divisão de duplas/conteúdo

(Arquivo pessoal. Exemplo de rascunho, livro cartonado, com mecanismos de papel)

Ao rascunhar no papel esse tipo de livro, o editor consegue pensar melhor sobre o custo, sobre os efeitos pretendidos pelo autor e também deixar mais claro o papel do designer ao trabalhar no material. O designer também poderá fazer sua leitura e propor mudanças, incrementos, pontos de vista. Sempre respeitando o que o autor deseja e se o ilustrador já estiver envolvido com a obra, também. O editor faz a mediação entre as diferentes formas de enxergar, as diferentes vozes presentes na obra.

O trabalho do editor dependerá muito de quem criou o livro. Como dito acima, autores que também são ilustradores e designers, já entregam a ideia da obra bastante acabada, com conceitos já pensados. Nesse caso, a mediação se dá em conectar as partes que precisarão trabalhar juntas na concepção do protótipo do livro, para vermos por exemplo encadernação, cores, aplicação do texto, pensarmos em algum acabamento especial que faça sentido para a obra – enfim, a mediação nesses casos ocorre diferente, os conhecimentos técnicos do editor prevalecem na construção impressa, no ser guardião para que as ideias estabelecidas antes se concretizem no papel, e que elas deem certo no custo.

Edição do texto

O editor é quem geralmente faz a primeira leitura do texto original do autor. É ele quem pode separar o texto em páginas, fazer a divisão do texto de acordo com a história, separar o que vai na capa, nas orelhas da capa, enfim, pensar no texto e no livro de

forma muito inicial. No exemplo abaixo, o texto foi separado em duplas, para que as ilustrações assim fossem feitas, pensando em cenários que ocupem duas páginas.

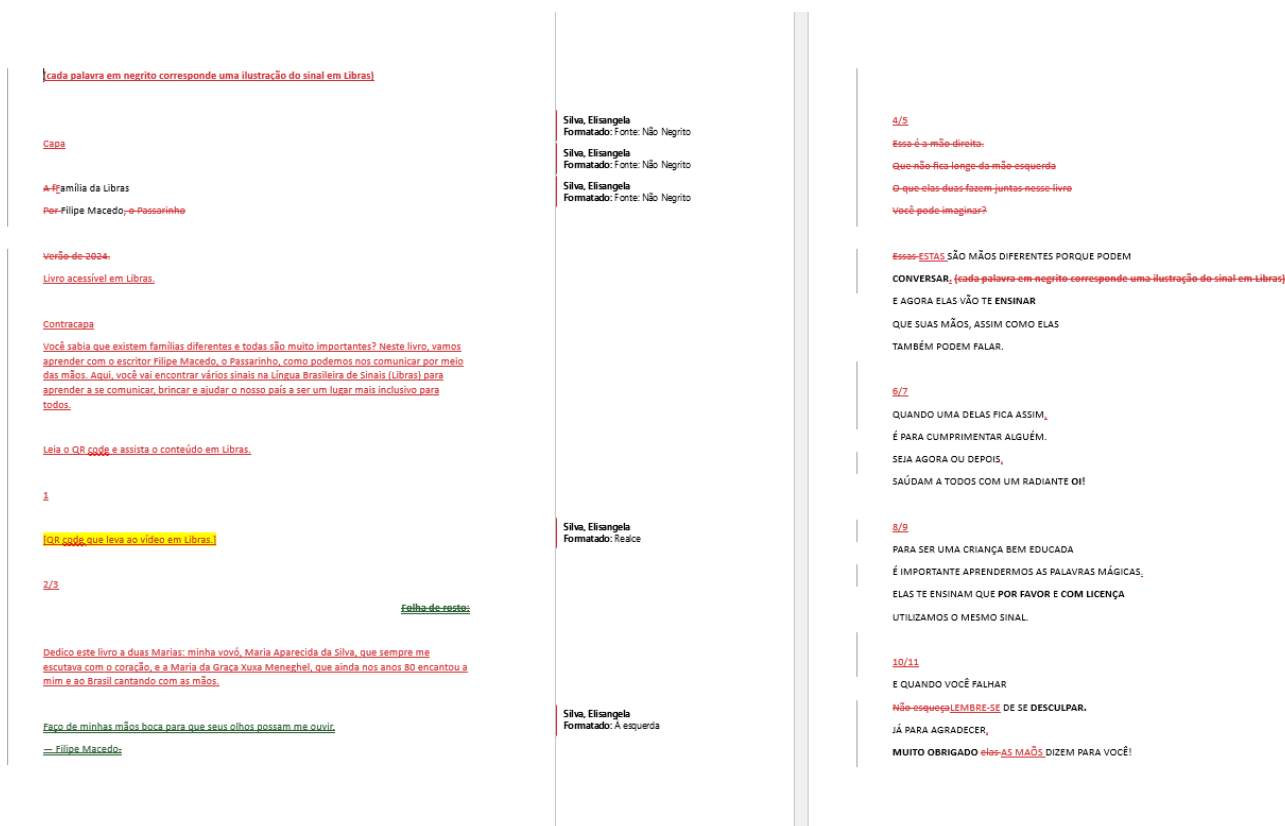


Figura 8 - Exemplo de texto em edição

(Arquivo pessoal. Edição de livro “Quando as mãos podem falar”)

Nessa fase, já é possível imaginar o texto sendo lido pelos leitores ou lido por outros mediadores, chegando em outros lugares, é o texto ganhando alguma forma. Ler em voz alta é uma ótima maneira de imaginar o texto sendo lido depois, os sons que ele produz, as vozes que ele tem.

Projeto gráfico

Ao escolher quem fará o projeto gráfico do livro, o editor vai escolher também quem vai trilhar o caminho que o texto e a materialidade do livro vão seguir. Quem vai pensar na fonte que o texto vai ter, no tamanho, nas posições que o texto vai ocupar para contar uma história ou muitas histórias também que estarão ali nas entrelinhas. O designer também pode pensar na forma, nas cores, no jeito que o texto vai ficar, que lugares ele vai ocupar, nas intencionalidades que quer inserir, no jeito que o livro vai ter. O mais interessante é que seja um trabalho em conjunto, com o autor, o ilustrador, o editor, um trabalho cheio de olhares.

Preparando o texto

Depois da leitura e possível edição de texto feita pelo editor, muitas vezes, o texto passa por uma etapa chamada de preparação de texto ou copidesque. Nesse momento, um profissional de texto faz uma revisão profunda no texto, olhando diferentes aspectos: gramática, coesão, coerência, adequação, registro, informações, entre outros aspectos da língua mesmo.

Essa etapa é uma forma de garantir que o texto chegue mais preparado para o designer e para as ilustrações. São feitas marcas de revisão no texto para que sejam validadas pelo editor, que muitas vezes valida por si só ou compartilha com o autor, dependendo do que foi apontado no texto. Depois dessa etapa, o texto pode seguir tanto para o projeto gráfico, como para as ilustrações.

Cada casa editorial pode ter seu processo de edição, como a intenção com essa escrita é mostrar as mediações que o editor faz durante a feitura do livro, deixei registradas etapas que exigem essa mediação, um editor/mediador que pensa o tempo todo no texto lá na frente, ou seja, no livro pronto.

As ilustrações

A escolha sobre quem vai ilustrar o livro pode acontecer de diferentes formas. Alguns autores já tem em mente o traço imaginado para compor a narrativa ilustrada da obra, outros apreciam um trabalho de um determinado artista e gostariam de ter um livro publicado com ele. Há ainda os que já possuem uma relação com algum artista e já o convidaram para publicar a obra juntos. Assim, os dois apresentam a obra para a editora.

Quando o texto precisa de indicação de alguém para ilustrar, muitas vezes, o autor explica como imaginou o traço da ilustração, como imaginou que as cenas fossem, além de revelar seus desejos para a narrativa ilustrada: gostaria que fosse algo sensível, vejo que poderia ser engraçada, quero algo com aquarela, quero algo bem brasileiro, quero que os personagens tenham determinada característica. Muitas são as formas que os autores de texto procuram definir o que desejam.

Ao editor cabe captar essa subjetividade, ouvir o autor e imaginar com ele quem pode construir a narrativa ilustrada do livro. Ao designer que vai trabalhar na obra também cabe a escuta e a leitura que é feita sobre o texto, os desejos do autor e, sem dúvida, o jeito que o designer tem de enxergar o livro, para compor toda a obra.

Inicia-se uma busca, visitas à diferentes portfólios de ilustração, para ajudar nessa escolha que inicialmente é tão subjetiva e que depois em cada etapa do trabalho de

ilustração demonstra sua concretude, com cada traço, cada construção feita para compor e contar algo que está ali, presente ou não no texto. A mediação do editor nesse ponto dá-se ao juntar os artistas que construirão a obra a partir dali, artistas que darão forma, que construirão imagens do que é dito ou do que têm intenção de mostrar. Uma conversa sobre a obra é feita entre os envolvidos para que a construção seja alinhada com as expectativas, com o imaginado lá no início.

Em seguida, raves passam a ser traçados, imagens são construídas a partir do texto:



Figura 9 - Rafe/esboço de miolo - Olívia perdeu o sono

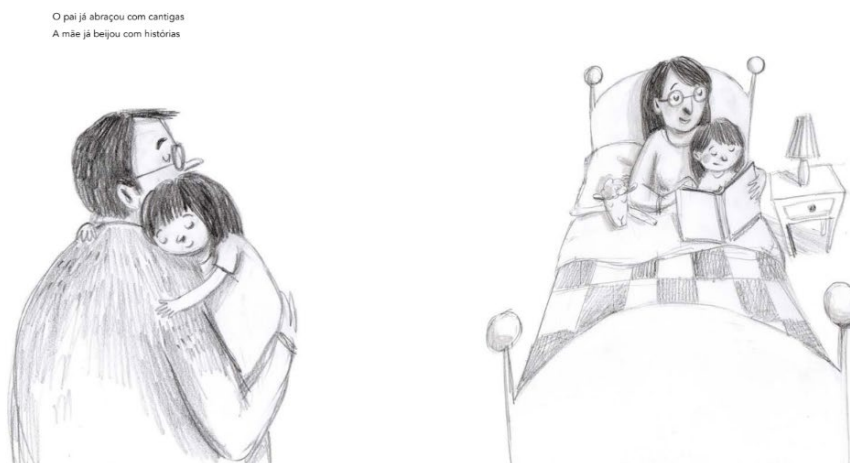


Figura 10 - Dupla de miolo - Olívia perdeu o sono

Rafes (também conhecido como rascunhos ou esboços, são os primeiros traços feitos pelo artista que vai ilustrar a obra, muitas vezes, feitos a lápis) do livro: *Olívia perdeu o sono* (livro de Giba Pedroza e Ionit Zilberman, publicado em 2024, pela Ciranda na Escola)

Como as técnicas de ilustração são muitas e cada artista faz de um jeito, os rascunhos podem ser entregues de forma muito acabada e de forma manual também. Os rascunhos de um livro mexem muito com as emoções dos envolvidos com a obra. Eles proporcionam um novo jeito de ser da obra, mas também deixam fixada ali a essência inicial do livro.

O editor cuida também dessa fase, mediando a aprovação dos rascunhos, dos esboços do livro, um trabalho feito em conjunto com os envolvidos no livro. Se existem mudanças a serem feitas, essa é a fase ideal para mudar, para reler o texto junto com os esboços e sentir como está o livro naquela fase. Depois de aprovar os esboços, o artista segue para outra fase, a de colorir os esboços ou seguir para uma fase mais acabada dos esboços. Uma nova entrega é feita e uma nova leitura também, agora, mais minuciosa, olhando cada detalhe, cada cor, cada traço que foi inserido ali, descortinando os sentidos que foram dados ao texto.

Existem ilustradores que também trabalham no design do livro, isto é, no projeto gráfico da obra. Nesse caso, entregam o trabalho completo, o projeto do livro e as ilustrações. Há casos em que o artista prefere receber o projeto gráfico com a mancha de texto aplicada (lugar onde o texto vai ficar/ocupar nas páginas de um livro) para compor as ilustrações em um lugar já determinado.

Alguns escritores também são ilustradores dos próprios livros e nesses casos já entregam muito pronta a narrativa verbal e a narrativa ilustrada para a editora, duas linguagens bastante casadas em que uma diz tanto como a outra, algo que acontece justamente por estarem juntas. Em muitos casos, quase não há intervenção do editor, pois são livros que chegam muito pensados e completos em todos seus aspectos editoriais (formato, páginas, tipo de papel, cores, etc).

Seja feito de uma forma ou de outra, para quem está ali nos bastidores da obra, ver essa aglutinação nascer entre texto, projeto gráfico, ilustrações é algo muito comovente, algo muito humano também, por mais que a tecnologia esteja muito presente na construção de um livro, o tempo todo leituras são feitas pelos envolvidos e impressas nos detalhes das obras, na intenção, no cuidado estético que ela precisa ter, impressões feitas de humanos para outros humanos, uma *tecnologia artesanal* eu diria.

Depois que as ilustrações são finalizadas entregues, o trabalho de design também é finalizado, com a aplicação dos paratextos do livro (expediente, ficha catalográfica, ISBN) e nesse momento, o livro fica com suas formas praticamente acabadas, pronto para seguir para as próximas etapas.

Sentindo como vai ser o livro

O boneco ou o protótipo do livro é o modelo inicial de como aquela obra vai ser, como ela vai ficar. Então, o que foi pensado pelo autor, designer, editor, ilustrador é impresso no papel. É um jeito de ver se as ideias deram certo, se o papel está adequado, se o tamanho está de acordo, se o tamanho da fonte está bom, se precisa de mais alguma mudança em relação à parte física.

Alguns bonecos são feitos em branco, sem impressão de texto, outros apenas com texto. Há os que são feitos apenas com a impressão dos rascunhos do ilustrador e ainda os que são feitos artesanalmente. O que se pretende mesmo nessa fase é sentir como o livro vai ser.

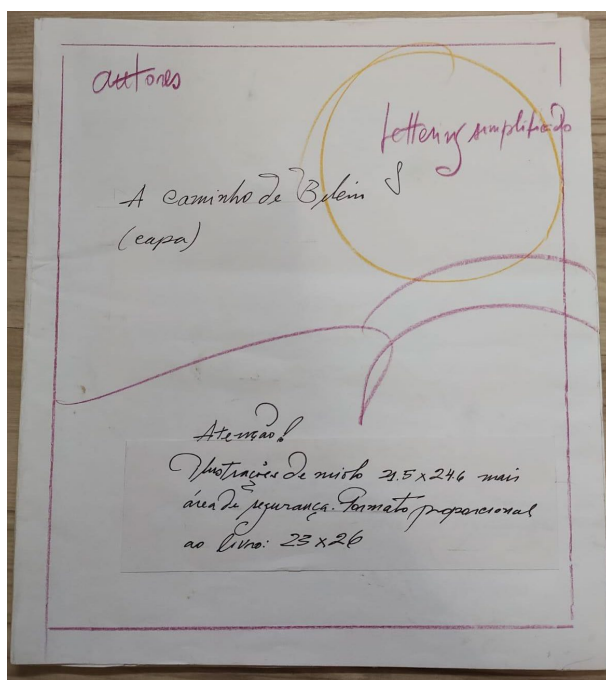


Figura 11 - Boneco artesanal de capa - A caminho de Belém

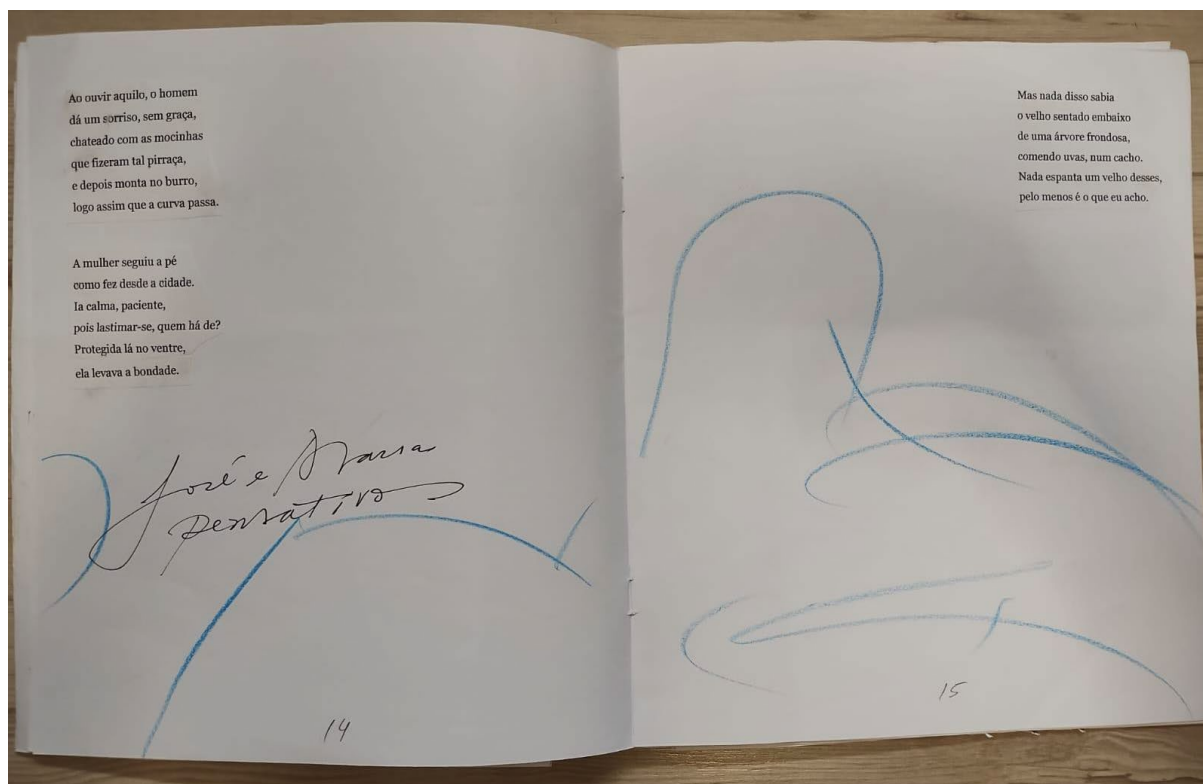


Figura 12 - Boneco artesanal - miolo - A caminho de Belém

Montagem feita artesanalmente pelo ilustrador Rui de Oliveira, para o livro *A caminho de Belém*, escrito por Leo Cunha e publicado pela Ciranda na Escola em 2023.

Outra forma de sentir o livro antes de ele ser impresso, é imprimir uma amostra digital, já com texto, ilustrações aplicadas, enfim, com os processos mais acabados. Ainda nessa fase, é possível fazer alterações se necessárias.

Há ocasiões em que mais de um protótipo é feito, até se chegar no modelo mais próximo do que se deseja como livro. O editor cuida também dessa etapa com o designer, com o autor, ilustrador, com quem está cuidando da impressão com a gráfica. Ele acompanha os pedidos em relação ao livro, as mudanças feitas, as correções.

Acompanhar o vai e vem do livro no processo de construção é também mediar as histórias dos bastidores, mediar os desejos dos autores. É aprender com cada etapa, é conquistar experiências em relação às escolhas, estar atenta ao passo a passo da construção como um todo.

O mediador de leitura prepara o ambiente para mediar o livro, o editor atua na preparação do livro em si, uma elaboração com muitas mãos e ideias para colocar no papel, no tecido ou em outros materiais uma voz humana (ou mais de uma) para ser lida para outro(s) humano(s). Tanto o mediador de leitura, quanto o editor faz também sua leitura própria sobre a obra, se envolve antes, durante e depois com o livro, e deixam em si marcas daquele texto, em forma de palavra, em forma de significado.

Nem todos os livros percorrem o mesmo caminho durante o processo de edição. Há os que não são feitos protótipos, pois cada vez mais, o arquivo digital se aproxima do que será de fato a impressão, o livro acabado, exceto quando há alguma cor especial, algum recorte especial no decorrer das páginas – aspectos que só irão acontecer mesmo na impressão, no papel.

Revisão de provas do livro

Nessa etapa, o livro já está ilustrado, com texto aplicado para seguir para as provas. É gerado um PDF do arquivo e uma leitura é feita pelo editor, que verifica se precisa de alguma mudança de edição ou não antes de seguir com a revisão feita por um revisor de texto.

Depois que o PDF do livro segue para o revisor, ele faz os apontamentos ali mesmo no arquivo e o editor valida o que foi indicado pelo revisor, aceitando ou não os pedidos de mudança. Durante essa etapa, o editor fica entre o que foi pedido para mudar e o texto, entre o que pode ser ou não aceito em relação às sugestões ou mudanças apontadas no texto.

Geralmente, são feitas duas provas de revisão de texto no PDF do livro. Podem ser feitas mais também, depende da quantidade de apontamentos que esse PDF terá. A cada revisão, conferências são feitas também, para se garantir que nada que foi apontado deixou de ser feito.

Depois de um arquivo PDF sem anotações de mudança, o arquivo do livro é fechado e segue para a gráfica fazer uma prova antes da impressão. Essa prova pode ser apenas digital e/ou de papel. Ao ser totalmente aprovada, o livro segue para impressão.

As mediações de leitura do editor

As primeiras mediações do editor acontecem muitas vezes no início do processo, ao apresentar a obra para os profissionais que vão também apresentar o livro nos lugares em que ele vai circular, nos lugares em que ele será comercializado (distribuidores, livrarias, escolas, entre outros), além de falar também sobre o livro para quem não vai necessariamente comercializar, mas também vai apresentar o livro para outros profissionais que trabalham com livro para as infâncias (bibliotecários, professores, contadores de histórias, famílias).

Dentro de uma casa editorial, o ideal é que o editor possa falar sobre o livro, o autor, o tema e as potencialidades existentes na obra durante a feitura do livro, para todos que

farão a ponte entre o livro e os lugares que ele vai circular mais tarde, para que outros profissionais possam apresentá-la com mais propriedade. Depois que o livro chega, é o momento de mostrar o que foi dito antes sobre a obra, falar das forças que o livro tem e como ele pode ser apresentado para outras pessoas.

Uma das formas utilizadas por mim nessa etapa é fazer uma mediação de leitura para as equipes que trabalharão com o livro fora da editora (comercial e marketing). É nesse momento, muitas vezes, que as equipes comerciais terão maior contato com o livro e, talvez, seja a maior chance de fazer com que fique na memória deles a essência do livro.

Apesar de existir materiais que apresentem o livro de maneira mais formal, como releases, resenhas ou mesmo uma apresentação em slides, uma apresentação feita com mediação de leitura pode ser mais marcante, e com isso fazer com que outras pessoas que vão falar dos livros tenham mais propriedade ou até mesmo uma lembrança maior sobre a obra, o tema, o que ela traz como diferencial.

Por mais que o editor faça mediação de todas as etapas da construção do livro, sempre estando entre a obra e os profissionais que se envolvem com ela, assim como o criador da própria obra, o ápice da mediação na minha experiência se dá ao mediar a leitura para outras pessoas que precisam saber mais sobre o livro. É nesse momento que desejo que o livro conquiste quem o ouve, quem precisa conhecer mais para saber falar mais sobre a obra. Não apenas isso, mas que a obra possa tocar também a infância daquele adulto, a infância que ainda está dentro de cada um. Assim, ao ouvirem a história, acredito que será mais fácil lembrarem do que o livro trata quando for preciso apresentar o livro.

É por meio da voz, do corpo, das experiências de vida que a mediação sai de um lugar, ou seja, de dentro do livro e, conseqüentemente, de dentro do mediador para chegar em outrem. Consigo, o mediador traz outras vozes, pensamentos, outros modos de enxergar, leituras e narrativas criadas, cada uma a sua maneira, pelos profissionais que trabalharam no desenvolvimento do livro.

A intencionalidade da mediação nesse caso é fazer com que as vozes que estão no livro fiquem, de alguma forma, em quem vai falar da obra nos mais diversos lugares. Que essas vozes possam também dialogar com quem faz o livro circular.

Conclusão

A mediação de leitura está presente no trabalho do editor de livros para as infâncias o tempo todo. Antes de se envolver com o escritor, o editor se envolve com o texto e/ou ilustração enviada (quando quem escreve e ilustra é a mesma pessoa), com a construção de sentido do texto, imagina como ficará o livro, como será recepcionado pelos leitores.

O editor avalia o perfil da obra, para decidir se faz sentido dentro do catálogo da editora, se atende os propósitos que a editora acredita e quer difundir e disponibilizar para ser acessado nos mais diferentes territórios onde o livro pode circular.

Esse primeiro olhar é estar entre o texto, o escritor e a editora. É enxergar as possibilidades que o texto pode adquirir, o quanto pode ganhar formas e diferentes narrativas durante o processo de feitura.

O editor também faz uma mediação macro, ao pensar no texto não apenas inserido no contexto da editora, mas o livro na sociedade e sua relevância para os leitores e suas infâncias. O quão potente a obra pode ser para instigar a ampliação de mundo, repertório cultural e linguístico, pensamento crítico, desconfortos, acolhimentos, enfim, diversos aspectos que podem estar presente em uma obra literária voltada para as infâncias.

A mediação em cada uma das etapas revela, aos poucos, a forma que o livro toma na medida em que é construído. Em cada uma das fases, é o editor que cuida do texto, para que ele continue narrando o que o escritor apresentou, as intencionalidades originais, mas ditas com narrativas e interpretações diferentes, característica tão humana e tão presente dentro de um livro, que ainda mantém em si processos artesanais, por mais que estejamos inseridos em um mundo tecnológico já assustadoramente dependente de inteligência artificial.

A feitura de um livro voltado para criança, ainda que possua processos tecnológicos e industriais, passa por muita vivência humana, por muitas mãos que trabalham na obra deixando um pouco de si. Ainda assim, conforme Mac Barnett citou, são adultos cuidando de todo o processo para as crianças. Isso implica em muitos aspectos, o quanto de conhecimento sobre infância os envolvidos possuem, o quanto a obra fará sentido para as diferentes infâncias e territórios pelos quais irá circular, o quão relevante a obra é de fato considerada pelas crianças e fará a diferença na vida delas.

Como editora de livros, não trouxe neste trabalho todas as respostas para as diversas questões que estão nas entrelinhas de um livro para as infâncias e suas idiossincrasias. Existe toda uma complexidade histórica sobre essa questão, que envolveria muitos profissionais para explicá-la.

Ao que o trabalho se propõe, que é mostrar as diferentes mediações que são feitas pelo editor durante as etapas de desenvolvimento de um livro, por mais que o editor de livros possa ter um papel diferente dependendo da casa editorial em que estiver, destaco o envolvimento com o texto original, desde a primeira leitura, até a chegada do livro impresso, a relação do texto/escritor com a casa editorial, o olhar e cuidado de todos os profissionais pelos quais o texto passa até de fato virar um livro impresso, como os revisores de texto, o ilustrador, o designer, entre outros, e por fim, o editor media a

relação do livro com os profissionais que farão a obra circular, as equipes que trabalham na comercialização e divulgação do livro.

As mediações do editor preparam a obra para as mediações posteriores feitas por outros profissionais que vão difundir a obra nos mais diversos lugares.

Referências bibliográficas:

ANDRUETTO, María Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*; tradução: Carmem Cacciaccaro – São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012

BARNETT, MAC. *A passagem secreta: porque os livros infantis são uma coisa muito séria*; tradução: Katia Chiaradia. – 1ª ed. – Campinas: Nanabooks, 2024.

BROOKS, Susie. *No fundo do Mar*; tradução Karina Barbosa. Ilustrações: Sally Paine. Jandira: Ciranda Cultural, 2017.

Biografia de Leda Maria Martins:

<http://www.letras.ufmg.br/literafrro/autoras/1336-leda-maria-martins> - - Acessado em 28/09/2025.

CARROL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*; tradução Monique D’orazio. Ilustrações: John Tenniel. Barueri: Ciranda Cultural: 2017.

CUNHA, Leo. *A caminho de Belém*. Ilustrações: Rui de Oliveira. Jandira: Ciranda na Escola: 2023.

PYJAMAS, Cats. *É o monstro?* Tradução de Fabio Teixeira. Ilustrações de Cat’s Pyjamas. São Paulo: Ciranda Cultural, 2013.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa:

https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/v7-0/html/index.php#1 – Acessado em: 15/01/2025.

FELTRE, Camila. *Experiências com livros que exploram a sua materialidade: mediações e leituras possíveis*. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, 2015.

MACEDO, Filipe. *Quando as mãos podem falar*. Ilustrações: Amma, Jandira: Ciranda na Escola, 2024.

MARTINS, Leda Maria. *A oralitura da memória*. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MUNITA, Felipe. Eu mediador(a): mediação e formação de leitores / Felipe Munita Lauro de Freitas: Solisluna Editora; São Paulo: Selo Emilia, 2024.

PARREIRAS, Ninfa. *O brinquedo na literatura infantil: uma leitura psicanalítica*: Editora Biruta; São Paulo, 2008.

PLEDGER, Maurice. *Sons da selva* ; tradução: Carolina Caires Coelho. Ilustrações: Maurice Pledger. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

O que faz um editor de livros infantis?

<https://www.youtube.com/watch?v=klVCmiFBE7o> – Acessado em 22/01/2025.

PEDROZA, Giba. *Olívia perdeu o sono*. Ilustrações: Ionit Zilberman, Jandira: Ciranda na Escola, 2024.

Revista Emília. Prades, Dolores. <https://emilia.org.br/7-coisas-indispensaveis-para-um-editor-de-literatura-para-criancas-e-juvenis/> - Acessado em 18/12/2024.

Biografia de Leda Maria Martins - <http://www.lettras.ufmg.br/literafrro/autoras/1336-leda-maria-martins> - - Acessado em 28/09/2025.